

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): A PRÁTICA DE LEITURA

¹Annelize da Silva Monteiro

RESUMO

A escola tem um papel importante em desempenhar o processo de alfabetização, garantido por lei, tornando o indivíduo capaz de ler e escrever, sabendo que ser alfabetizado não é necessariamente letrado, pois alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, enquanto o letrado vive em estado de letramento. A Educação de Jovens e Adultos tenta “alfabetizar letrando”, numa abordagem simples e repetitiva, pois a alfabetização é um processo, o espaço-tempo vivido na escola é a imersão na cultura escrita. A busca de conhecimentos é a chave desse novo mundo, o mundo versado em letras, informa-se por meio da leitura, procura lazer nos jornais, interage com a imprensa diariamente selecionando o que desperta interesse, usa a leitura para seguir instruções, comunica-se com quem está distante ou ausente, utiliza a escrita para se orientar no mundo, enfim, não é apenas saber ler e escrever, mas cultivar e fazer uso da leitura e escrita nas práticas sociais. O interesse central deste estudo consiste em conhecer a Educação de Jovens e Adultos nas suas mais variadas idades e interesses principalmente o processo de desenvolvimento da aprendizagem, minimizando, assim, o analfabetismo. A sala realizada a pesquisa contava com alunos de idade avançada, mas que tinham por um único objetivo a leitura e a escrita, portanto o desenvolvimento dos mesmos era comum. A aprendizagem da leitura e da escrita não se realiza da mesma maneira para todas as pessoas. E na maioria das vezes as dificuldades dos alunos podem ser ocasionadas pelo processo de ensino que normalmente utiliza um método único de educação. Com a realização deste artigo, verificou-se que existe a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto e, principalmente, que os profissionais da educação amplie seus conhecimentos na área de linguagem oral, leitura/escrita.

Palavras-chave: Educação; Letramento; Leitura.

¹ Graduada em Geografia Licenciatura Plena pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Estudante de Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Pós Graduada em Metodologia do Ensino Superior (Unigran), Estudante de Pós- Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Unigran).. Atua como professora na Escola Estadual Joaquim Alfredo Soares Vianna e na Escola Municipal Professor Jovelino Celestino dos Santos (Curso de Educação de Jovens e Adultos) de Jatei - M.S. email: annelyze_ucdb@hotmail.com.

1- INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o segmento de ensino da rede escolar pública brasileira que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da Educação Básica em idade apropriada e querem voltar a estudar. No início dos anos 90, o segmento da EJA passou a incluir também as classes de alfabetização inicial. O segmento é regulamentado pelo artigo 37 da lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996 (LDB).

As abordagens teóricas sobre leitura e escrita de Paulo Freire, as contribuições de Piaget, de Vigostsky, de Emilia Ferreiro, Magda Soares, e de escritores que permitiram uma didática voltada no sentido de contribuir para a busca necessária à superação de desafios da educação de jovens e adultos. Pessoas analfabetas, e aos jovens que tiveram passagens fracassadas pelas escolas, o acesso à cultura letrada que lhes possibilite participar mais ativamente do mundo, do trabalho, da política e da cultura. O livro "A importância do ato de ler" de Paulo Freire inicia falando dos momentos em que o ato de ler aconteceu na vida do autor e como ela se deu. Enfoca também a alfabetização de adultos desenvolvida na República de São Tomé e Príncipe, esclarece que "a leitura de mundo é precedida pela leitura da palavra, onde a importância da leitura na alfabetização é crucial na construção histórica do indivíduo". Nesse sentido, buscaremos recursos pedagógicos inovadores, por meio de situações elencadas, no cotidiano, que sirvam como pressupostos para a aprendizagem da leitura e escrita, como também o seu aprimoramento, o que me moveu para esse processo de descobertas, elaborações e reelaborações de conceitos é o anseio pela evolução de nossas reflexões sobre as práticas pedagógicas no campo da alfabetização e letramento, assim como suas diferenças. Portanto, a pergunta que envereda esta pesquisa é quais as estratégias que podem ser praticadas pelo docente para alfabetizar/letrando? Como são caracterizados esses educandos da EJA? Pois que os educandos são adultos entre 55 (cinquenta e cinco anos) e 85 (oitenta e cinco anos), são adultos que já passaram por muitas experiências na vida. Tendo como base que a educação é, com certeza, um dos fatores mais importantes para a construção de uma sociedade democrática, desenvolvida e

socialmente justa. É condição básica e direito fundamental da cidadania, portanto todos tem direito mesmo na idade avançada. O domínio da língua, nas diferentes vertentes da palavra escrita e falada, da leitura e da oralidade, é crucial nos mais variados domínios da vida individual e coletiva.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Em meados da década de 1930, quando realmente iniciou a consolidar o sistema público de educação, a sociedade brasileira estava a passar por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização. O governo federal estava ampliando a educação traçando diretrizes

Na famosa “Era Vargas”, a educação era considerada como um fator indispensável para o desenvolvimento de qualquer nação, deu um salto de incontestável valor na história do Brasil, época onde deve-se registrar a criação do Ministério da Educação e Cultura. Em 1945, tivemos a elaboração do projeto de lei “Lei de Diretrizes e Base para a Educação Nacional”, só aprovado em 1961.

A Constituição Federal (1988), no seu artigo 3, inciso II, apregoa que constitui-se objetivo fundamental da República Federativa do Brasil a “garantia do desenvolvimento nacional”. Portanto, torna-se importante destacar que esse objetivo Fundamental emerge, naturalmente, à medida que as necessidades e os interesses da comunidade se cristalizam na “Consciência Nacional”.

Cinquenta anos depois, de acordo com declarações dos seus próprios pesquisadores, a burguesia não foi capaz de dar às massas, durante esse tempo, nem mesmo aquele mínimo de ensino que convinha aos seus próprios interesses. A classe burguesa reconhece, que as suas escolas não asseguraram às massas o mínimo necessário de educação de que necessitam, e, reconhecem também a necessidade de reformar os programas e os métodos.

E essa necessidade se tornou mais visível nos últimos anos e engendrou entre os técnicos em pedagogia uma proveitosa frutificação de “sistemas” e de “planos”. É, dentro da nova educação, a corrente que poderíamos chamar de

“metodológica”. Surge a “nova didática”, em substituição as velhas técnicas que traziam consigo, a memorização, fragmentação do ensino e da soletração.

Naquele período, a educação de adultos define sua identidade tomando a forma de campanha nacional de massa, em 1947, alimentou-se a reflexão baseado no analfabetismo, Loyola (1983) comenta inadequadamente preparado para as atividades convenientes à vida adulta, ele tem que ser posto à margem como elemento sem significação nos empreendimentos comuns. Ou seja, nesse momento que a sociedade passava momentos de grandes tensões, havia ainda que se preocupar com os analfabetos. Na medida que foi aparecendo as campanhas nacionais foi criando voz, e começaram a observar que esses seres poderiam ser produtivos, capaz de pensar e resolver problemas.

No final dos anos 1950, a pensamento pedagógico de Paulo Freire, sua proposta de alfabetização de adultos, inspiraram os programas de alfabetização e educação popular que fora realizada no país a partir da década de 1960. Freire naquela época fez a crítica da educação bancária que considerava o analfabeto pária e ignorante, uma gaveta vazia, onde o educador depositava o conhecimento. A elaboração da proposta de alfabetização de adultos, considerada conscientizadora, tinha como princípio que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. (FREIRE, 1981, p.11)

Nesse intuito, Paulo Freire introduziu que os adultos deveriam trazer palavras que utilizavam no seu dia-a-dia, palavras geradoras, ou seja, sem utilização de cartilhas, com isso fazer da escrita a leitura da realidade, apresentando aos adultos as famílias silábicas.

Após o golpe militar de 1964, foi lançado o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização, que se constituiu como uma organização autônoma em relação ao Ministério da Educação, propunha a alfabetização a partir de palavras da vida simples do povo. Durante os anos de 1970, o Mobral expandiu-se para todo o território nacional, partindo desse programa, o governo criou o mais importante Programa de alfabetização conhecido como PEI – Programa de Educação Integrada (PCN-1º segmento, pg 239)

A partir da década de 1980, foram apresentados muitos estudos em relação à educação de adultos, como pesquisas sobre a influência linguística no processo de alfabetização, cujo objetivo era o de fornecer subsídios sobre a

leitura e a escrita. Nesse sentido, Emília Ferrero (1983) realizou estudo afirmando que a convivência do alfabetizando com ambiente letrado facilitava o reconhecimento do sistema de representação. Assim, o aprendiz chega à escola com hipóteses e informações prévias, na concepção de crianças da pré-escola, em relação ao adulto, mostra que as informações sobre a escrita também eram igualmente proporcionais à criança.

Já na década de 1990, a Educação de Jovens e Adultos, é reformulada e consolidada pedagogicamente, ocorrendo em todo o ensino fundamental, a maioria é constituída por pessoas fracassadas, o sistema regulariza para não somente adultos, mas também a jovens excluídos do ensino regular. A Proposta Curricular 1º segmento, ressalta “que o sistema garanta um segmento no estudo para os marginalizados, socioeconômica e educacional um acesso a cultura letrada que possibilite uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura”. (PCN 1º segmento, p. 34)

Paulo Freire (2000) destaca que a atividade de leitura/escrita deve ter como base a leitura de mundo feita pelo educando e não a transmissão de conhecimentos. Portanto, é necessário que esta atividade de leitura escrita seja dinâmica e realizada com a integração do sujeito no seu mundo social. Esse autor atribui à alfabetização a capacidade de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolver a consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e da libertação (FREIRE, 2000, p. 09).

2- Alfabetização e Letramento

A alfabetização é algo que visa atender a um fim, ou seja, pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos institucionais. Tfouni (2005, p. 15) argumenta que o ato de alfabetizar passou a existir somente enquanto parte das práticas escolares, ignorando as práticas sociais mais amplas para as quais a leitura e a escritura são necessárias, para serem efetivamente colocadas em constante uso, sobretudo, quando o educando observa ao seu redor e compreende a falta que a escrita e a leitura lhe faz.

Emilia Ferrero (1983) afirma que esse objeto (a escrita) não deve ser tomado como “um código de transmissão gráfica das unidades sonoras” (TFOUNI,1987, p.12), tendo como foco a representação evoluída. O processo de alfabetização deve levar em consideração que escrita e oralidade são interdependentes. Essa pesquisadora argumenta

[...] um aspecto que tem que ser considerado nessa nova perspectiva é que a relação entre escrita e oralidade não é uma relação de dependência da primeira e da segunda, mas antes é uma relação de interdependência, isto é, ambos os sistemas de representação influenciam-se igualmente. (TFOUNI,2005, p.19).

A alfabetização é concebida, em grande parte, pelo reconhecimento da escrita, decifração do código, caracteriza-se por um modelo em que o aprendiz aprende a codificar os símbolos. Já o letramento, ao reverso da alfabetização, tem como foco os aspectos sócio-históricos da sociedade, do indivíduo, sabendo que, às vezes, a pessoa pode ser alfabetizada e não letrada e ser letrada e não ser alfabetizada.

Segundo Vygotsky (1984), o letramento representa o coroamento de um processo histórico de transformação e diferenciação no uso de instrumentos mediadores.

Difundindo os termos “letrado” e “iletrado”, depende do ponto de vista sócio-histórico, um não pode ser usado como antítese do outro, não existindo, portanto, o grau nulo ou zero de aprendizagem, pois o ser sempre aprende algo, mesmo que não seja escolarizado, existe sim grau de letramento, quanto mais alfabetizado, a pessoa vai adquirindo o letramento.

Para Tfouni (2005, pg 24), o pensamento dos alfabetizados é “racional”, e por um deslizamento preconceituoso coloca também que os indivíduos não alfabetizados são incapazes de racionar. Desse modo, caracterizaria que os indivíduos não alfabetizados não sabem ou não devem ser levados em consideração, numa perspectiva etnocêntrica, pois acredita que o ser só sabe de algo se for alfabetizado.

O preconceito está relacionado ao exemplo que Malinowski (1976, p.132) que comenta “os membros alfabetizados de uma comunidade civilizada tratam e consideram as palavras de um modo semelhante aos selvagens”.

A alfabetização e o letramento são processos interligados, porém separados enquanto natureza e abrangência, ao que se refere que letramento é algo contínuo.

Muitas vezes, a palavra letramento é usada como sinônimo de alfabetização. O literacy, na língua inglesa, é uma variedade de definições e visões.

A aquisição da escrita pressupõe o conhecimento e habilidades que possuem o indivíduo, a leitura do mundo e das palavras são dinamicamente juntas tendo como base a repetição, a memorização. Na alfabetização de adultos, na época das cartilhas, baseando na memorização, codificação. Hoje não é possível texto sem contexto, o educador vai superando a visão mágica e autoritária do educador.

Letrados seriam somente aquelas pessoas que sabem ler e escrever, ou seja, pessoas alfabetizadas e escolarizadas. Do mesmo modo, “iletrado” poderia ser usado como sinônimo de “analfabeto”.

Freire (1981) comenta que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, ou seja, a realidade do aluno da Eja é mais dividida, tem características distintas de alunos do ensino fundamental e médio, ao chegar na sala de aula já estão cansados, exaustos da vida cotidianas”. A linguagem utilizada para com eles, não é a mesma para com os alunos regulares. Nesse sentido Freire (1993) completa exprimindo que: “A compreensão do texto a ser alcançada por uma leitura crítica implica em percepções das relações entre o texto e o contexto”, ou seja, é necessário sempre realizar a releitura, sabendo que a leitura é algo imprescindível na vida desse aluno.

Ao ir escrevendo este texto, ia tomando distancia” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando ao minha experiência e p existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, ao pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, 1981, pg 12).

Numa progressiva leitura de mundo, da vivência, podemos afirmar que a leitura jamais poderá sair da realidade escolar, pois esta é fonte de conhecimento, traz sempre para o sujeito algo inovador, a ver o mundo com outro olhar. Estar em estado de analfabetismo não dá a esse sujeito a liberdade do ir e vir, no processo

mais amplo aqui descrito nesse artigo, a alfabetização contempla o mundo novo, a produção de sentidos, pois para Freire (1981),

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro, gravetos, o meu giz (FREIRE, 1981, pg 15).

Dessa forma, verificamos que a alfabetização não se dá somente dentro da sala de aula, o ser aprendiz pode estar em qualquer lugar e ter em mente a curiosidade das letras, das palavras, bastando apenas querer. A prática da leitura é o momento magnificado, não é preciso ler obras obrigatórias, longas, em sala de aula, mas também textos curtos como poesias, crônicas, contos, reportagens e outros do interesse da turma.

Sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o autor comenta “Parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. (FREIRE, 1981, p.19). Esse autor acreditava que alfabetizar com a memorização poderia ser um ato mecânico, algo vazio para repassar aos adultos. Por isso ele defendia uma alfabetização mais ampla que equivale ao que é apregoado hoje como “letramento”, o que veremos no próximo item.

3- Letramento e alfabetização: muitas facetas

A pesquisadora Magda Soares (2004) defende que, embora sejam conceitos diferentes, letramento e alfabetização são dois processos que devem ser trabalhados simultaneamente na escola.

Primeiramente, a autora explica que esses dois conceitos apresentam diferenças fundamentais, pois estão relacionados com concepções distintas de ensino de língua. Letramento aparece sempre ligado à compreensão de leitura e escrita como práticas sociais, que privilegia a visão de língua que usamos a todo instante quando nos comunicamos. Alfabetização está ligada à concepção de escrita como sistema ordenado pelas regras gramaticais, ou mesmo de escrita como código, que é preciso decifrar.

Como afirma Soares (2003), “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento”, já que os alunos que estão na Educação de Jovens e Adultos já se encontram na sua grande maioria no processo de letramento, não pode separar nesse momento os dois processos.

O conceito de letramento está em evidência no cenário atual da educação, pode ser entendido como “o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais.” (SOARES, 2004, p.24).

Esta pesquisadora afirma que, no Brasil, há um progressivo uso do conceito de letramento para denominar os processos que levam as pessoas a terem um domínio adequado da leitura e da escrita. Alfabetizar letrando é ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais. Como exemplo, ela cita as matérias publicadas na mídia, nas quais se considera que ser alfabetizado é mais do que saber ler e escrever um simples bilhete, condição que até algum tempo tida como satisfatória para tirar uma pessoa da lista dos analfabetos.

Apesar de considerar essas diferenças, a autora defende a concomitância entre alfabetização e letramento. Ou seja, a escola deve trabalhar com os dois processos simultaneamente para evitar o fracasso escolar. Não basta apenas alfabetizar, isto é, ensinar os aspectos da língua como código, também é preciso trabalhar a língua em seus usos sociais, a alfabetização deve ocorrer inerente à introdução de vários gêneros textuais e, segundo a autora, são necessários, no mínimo, quatro anos de escolaridade para se obter a apropriação da leitura e da escrita e de seus usos sociais.

O fracasso escolar estava relacionado ao fato de a escola privilegiar apenas o processo de alfabetização. O ensino de língua tinha como base a relação entre o sistema fonológico e o gráfico, ou seja, entre os sons que pronunciamos e as letras.

Por outro lado, atualmente, muitas vezes o ensino da língua como sistema fonológico e gráfico é deixado de lado, causando da mesma forma o fracasso

escolar, ainda que por motivos diferentes. Sendo assim, além de se preocupar com a aquisição do sistema de escrita, a escola precisa proporcionar atividades que visem ao letramento: redigir um bilhete, escrever uma carta, responder formulários, ler jornais, revistas e livros, dentre outras que fazem parte do cotidiano de uma sociedade grafocêntrica, pois a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2004).

Portando, podemos afirmar que as condições para que o letramento se efetive são: uma escolarização real e efetiva da população e a disponibilidade de materiais diversificados de leitura, objetivando que os educandos tenham maior acesso não só à realidade em que vive, mas também a outros bens culturais, que são fundamentais para a ampliação da competência comunicativa do ser em formação.

4- O Cenário de alfabetização de jovens e adultos em Nova Esperança - Jatei

A observação das aulas, como dado importante na abordagem, “o espaço comunicativo; mostra a quem sabe ler o emprego que o ser humano faz dele mesmo” (FRAGO e ESCOLANO, 2001, p.64). Por si só o espaço dita regras, modela comportamentos e revela facetas determinadas nas relações sociais em diferentes ambientes, a escola.

A escola que observamos nesta pesquisa funciona em uma sala improvisada do distrito de Nova Esperança, Jatei, onde a prefeitura cedeu para que as aulas pudessem ocorrer, não tendo a coordenação pedagógica próxima, nem ao menos outras salas onde se pudesse haver comunicação entre os membros “alunos”, sendo, portanto, sala única. Possui um pátio onde é realizada as refeições, um terreno em anexo para as práticas de esportes.

A sala não possui computadores, nem bibliotecas, havendo, portanto, uma certa dificuldade para a utilização de livros, que são trazidos por “amigos da escola”. Em relação ao espaço-escola Frago e Escolano (2001), comenta:

O espaço escola não é apenas um “continente” em que se acha a educação institucional [...]. A arquitetura escolar é também por si mesma um programa uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e todo uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (2001 p. 26)

O espaço também ensina, valores e comportamentos. Como ambiente propício para a prática de leitura, o espaço improvisado para a Educação de Jovens e Adultos, era bem grande, com lousa de bom estado, arejada, sem problemas aparentes, as aulas fluem conforme o desejado, o grupo permanece o mesmo durante a aulas, com muito esforço e vontade de aprender.

O território e o lugar são duas realidades individualmente e grupalmente construídos. São, tanto num quanto no outro caso, uma construção social. Resulta disso que o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aquele que o habitam. (FRAGO E ESCOLANO 2001, p.64).

As afirmações de Frago e Escolano (2001) parecem explicar bem o que ocorria nessa sala de Educação de Jovens e Adultos, espaço improvisado que acabou sendo assumido pelo grupo como sendo o seu território, tendo ali as práticas de leitura e escrita ocorridas como algo de muita importância para eles, o determinismo deles surpreendia a cada momento, conteúdo e processo de ensino-aprendizagem.

4.1- Os personagens da trama

Para entender a situação da prática de leitura e escrita, é necessário conhecer seus personagens: professores e alunos. Cada um sendo sujeito ativo nesse corpus de significados.

Os alunos pertenciam à 2ª fase equivalente ao terceiro, quarto e quinto do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos com idades entre 55(cinquenta e cinco anos) e 85 (oitenta e cinco anos) cujas atividades de leitura propostas, diante da atuação em sala, seu discurso e retorno proporcionou o desempenho na leitura e na escrita, com textos longos e complexos. As dificuldades dos alunos eram decorrentes de problemas financeiros ou relacionamentos familiares, de serviços diários, sendo este um dos maiores motivos do cansaço no dia-a-dia.

Nas situações de envolvê-los na aprendizagem, para despertar o interesse pelos estudos e fazendo com que participem mais da aula, eles queixavam-se da desvalorização salarial a que eram submetidos, acreditando que o estudo poderia desenvolver trabalho melhor. Um dos entrevistados mencionou “Quando venho para escola esqueço do meu salário, do meu serviço e quero aprender a ler e a calcular, olho para a professora e os problemas ficam na minha casa”. (Antônio)

A (Maria) mencionou muito cansaço o ano todo por ser faxineira diarista, chegava sempre atrasada e tinha pouca autoestima, houve um trabalho a parte para com ela, pois percebi no decorrer do tempo que a mesma tinha interesse no estudo mas precisava de muitos apoios.

As minhas dificuldades nessa sala de EJA era principalmente em relação aos materiais pois a secretaria havia disponibilizado apenas o material de alfabetização, e nesse material não existia nada relacionado com a ementa que precisava seguir, mas mesmo com essa dificuldade trabalhei metodologias diferenciadas para incentivar, ensinar, levar a curiosidade para sala de aula fez toda a diferença para eles, ser professor na EJA não há uma preparação, nem formação requer muitos esforços a parte, principalmente em relação aos saberes e habilidades dos alunos em função do seu trabalho no dia-a-dia.

Na observação em sala de aula, percebi que os alunos eram esforçados, aceitavam as atividades propostas, em relação à leitura, mas mostravam-se com certas dificuldades, desde a decodificação de palavras simples até as complexas, as queixas eram dos textos longos, das dificuldades que tinham para ler e compreender as apostilas e seus livrinhos de leitura rápida. Constantemente, havia trabalhos com textos e os alunos eram solicitados a ler, silenciosa ou oralmente, copiar, interpretar por meio de questões ou mesmo fazer novas

produções, sendo estimulados a expor suas opiniões, fazer perguntas, ler suas respostas e seus textos produzidos.

4-2. As atividades de leitura e escrita

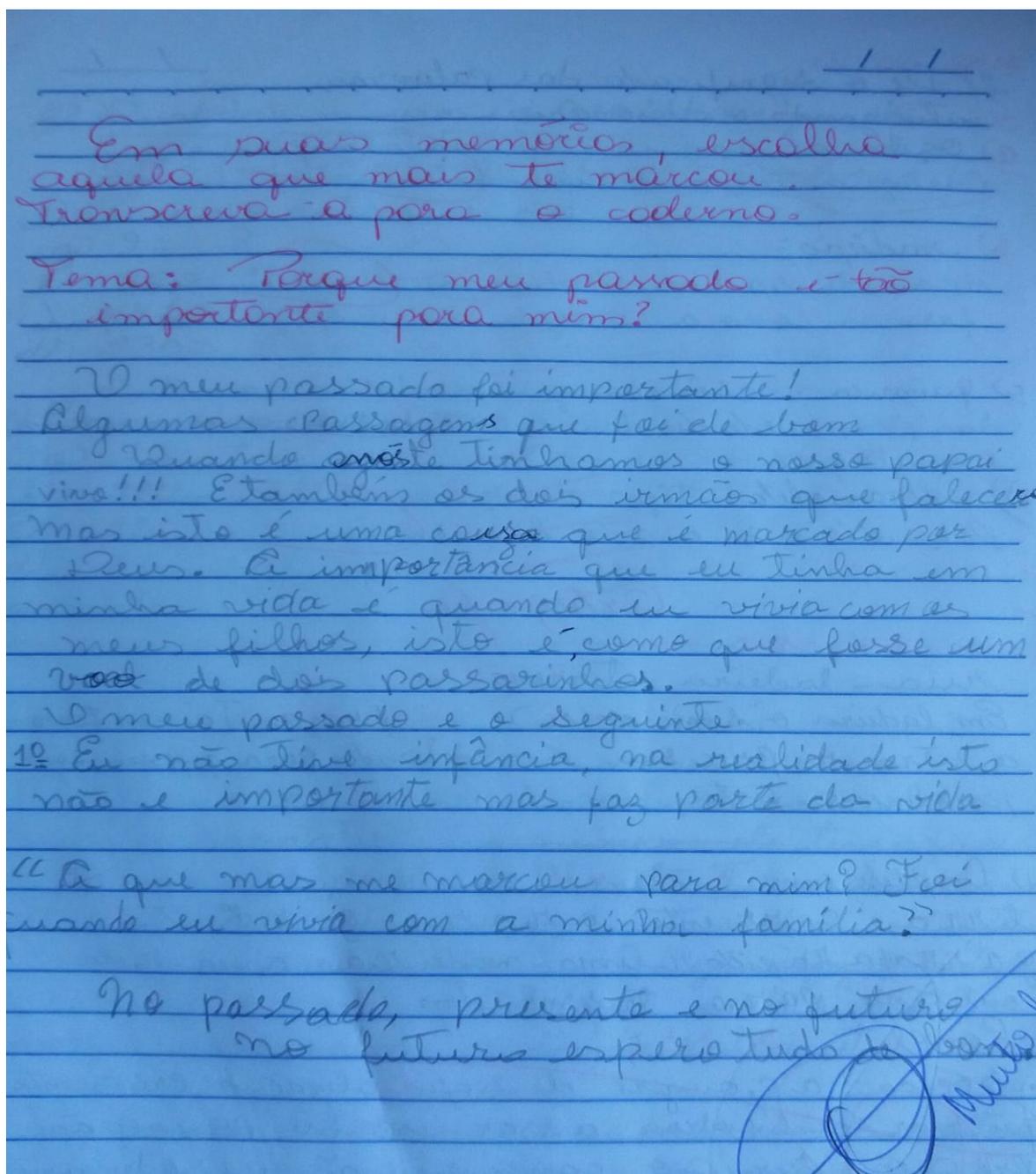


Figura 1A atividade solicitada em sala foi para que os alunos escrevessem algo relacionado as memórias para que pudessem relembrar.

A atividade solicitada em sala foi para que os alunos escrevessem algo relacionado as memórias para que pudessem lembrar e ao mesmo tempo sem que houvesse um ditado de palavras e de texto para que utilizassem de seu próprio vocabulário. As correções eram realizadas oralmente, mas o que era importante, nesse sentido, era a produção em si, a lembrança do passado, o prazer de observar a produção, o estímulo em descrever a informação contida no seu eu, trazendo para a sala e para os amigos suas emoções e seus estímulos, havendo um debate entre os mesmos em relação a história, os anos vividos, cidades, parentes entre outras.

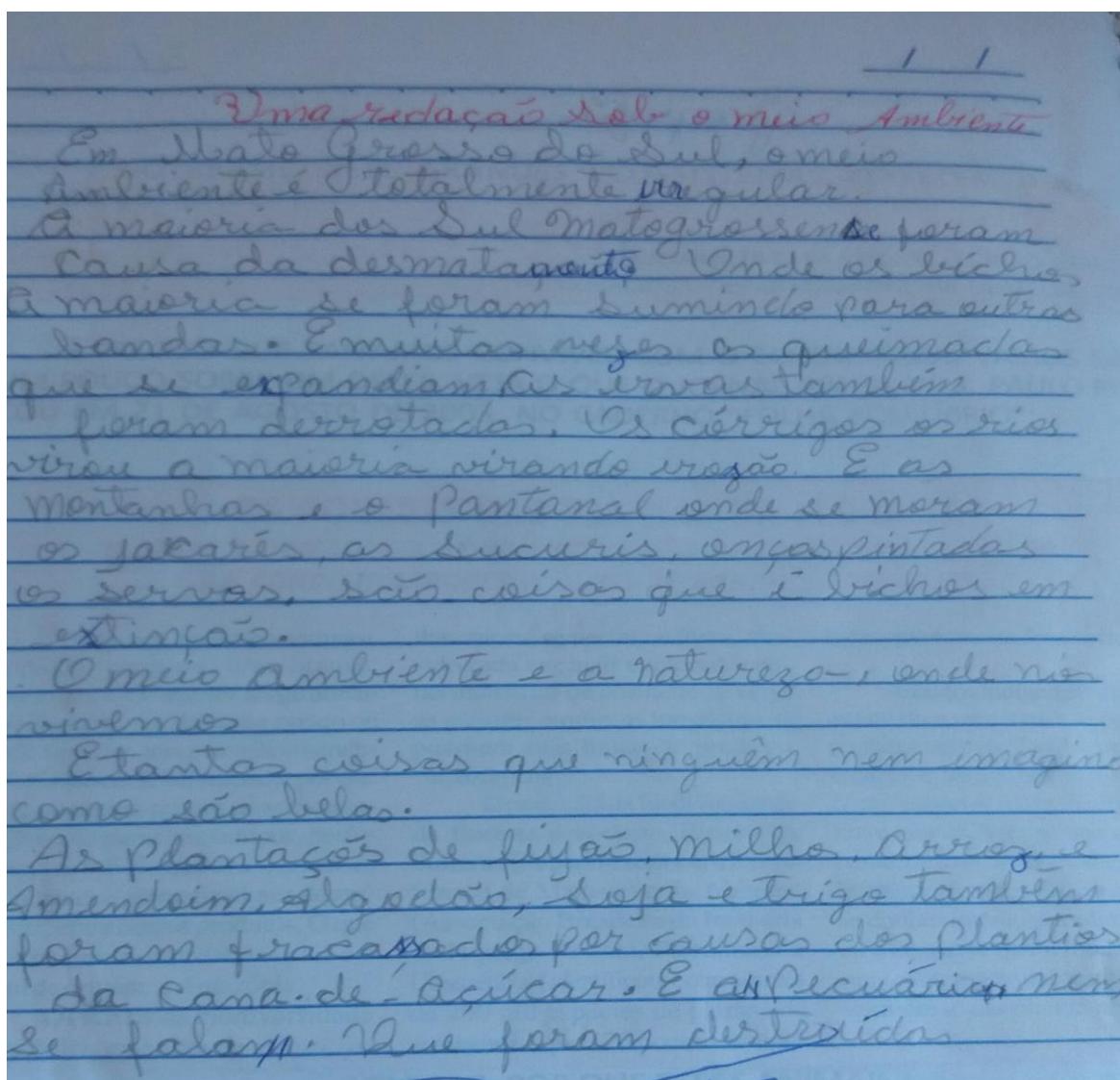


Figura 2 Redação sobre o meio ambiente

Um mês depois da primeira produção, a pedido da professora os alunos fizeram uma nova produção, sendo, portanto nítido o progresso em relação a escrita e alfabetização, as ideias eram novas, as produções por si só ficaram com mais coesão e coerência, poucos erros na escrita. O importante relatar que o aluno da Eja é um ser pensante, não ignoram a realidade vivida, ou seja dão valor a cada momento em sala, elaborando e descrevendo o que lhe é solicitado. A sala de aula torna-se algo prazeroso.

Em relação à leitura, demonstravam dificuldades que iam desde decodificação de palavras desconhecidas até a interpretação do que liam, em seis meses de leitura, pode-se dizer que os esforços foram visíveis, pois a partir de seus comentários sobre a leitura observou-se a segurança sobre o assunto. Apesar das dificuldades, os alunos concordam que quando têm um motivo para ler, ou quando são testados e provocados a buscar informação, conseguem ler com um bom desempenho.

4-3. Ler e escrever: para quê?

Ensinar, não é somente fazer o aluno aprender a escrever, mas também mostrar-lhe o significado social da leitura e da escrita, a significação é também transmitida aos alunos da EJA por meio da leitura de livros, de jornais e revistas, são rituais que promovem a observação, esses educandos estão ali naquela sala não apenas para aprender a decodificação, ele querem ler o que faz sentido para eles, pois todos têm capacidade de aprender a ler e a escrever, podendo ser que a demora, para uns seja inevitável. Afinal perguntei-lhe só para que ler e escrever? Eis a resposta:

“Quero poder enviar uma simples carta para minha filha com minha própria letra, sem que eu peça aos outros para ler as cartas recebidas e que respondam por mim.” (Maria Francinete).

Eis que algo tão simples para muitos era algo impossível para Maria, e isso chama a atenção no que se refere a números de analfabetos nesse país tão

desigual, onde a população mais carente não consegue nem ao menos frequentar o ambiente escolar na fase infantil, e ao chegar na idade adulta não conseguem um bom serviço por falta de certificados e mesmo de leitura.

Partindo desse princípio de desigualdades, quando esses adultos decidem entrar numa sala de aula, contentam-se com o pouco que aprender e, no meio do percurso, desistem pelo cansaço do serviço do dia todo, segundo eles, suas vistas cansam, o desânimo os influenciam, nesse momento o orientador, professor necessita de estratégias para que esses alunos permaneçam na sala de aula, assim, pode-se observar a persistência dos alunos, pois é preciso se esforçar e estudar, simultaneamente, à vida fora da sala de aula. O método da professora precisa estar além do tradicional, as estratégias de trabalho terão que ser inovadoras, utilizando a criatividade na mediação dos conteúdos, das formas gráficas da escrita e da compreensão dos textos.

O importante seria caracterizar o próprio espaço da sala de aula como um ambiente de cooperação recíproca, dando lugar de direito e de fato às trocas mútuas de informação e de opinião, levando sempre em consideração o que desejam aprender, trazendo suas experiências para dentro da sala. Por outro lado, mesmo com a aprendizagem individualizada, não se deixa o trabalho em equipe, em conjunto, pois o sujeito não se constitui em um processo individual e ilhado, mas na escolha de papéis próprios de interação com o outro e na imagem reflexa no outro. (VYGOTSKY, 2001). Acreditando que na EJA, os alunos, mesmo sendo adultos, vão se comparar aos outros em suas atividades e avaliações.

Antes de concluir este ponto, parece-me pertinente referir que, para que o processo de educação do adulto seja de veras significativo, é de capital importância que todos os intervenientes (família, professores e demais profissionais) trabalhem conjuntamente, mantendo sempre uma atitude de interesse, compreensão, encorajamento e empenho na recuperação desse aluno, procurando, desse modo, elevar-lhe a autoestima tão fragilizada pelos constantes malogros. Neste sentido, nós, professores, assumimos um papel fundamental na conquista de aprendizagens que contribuam positivamente para o seu desenvolvimento, pois as atitudes podem afetar o desenvolvimento da

alfabetização já que são pessoas consideradas letradas. Daí a importância de os alunos sentirem o apoio de ambas as partes, isto contribui para o aumento da sua confiança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo, verificou-se a importância de conhecer, incentivar o estudo dos alunos da EJA, suas vontades de crescimento, suas expectativas de aprender conteúdos e disciplinas. Afinal estão ali para tal situação, pois, são pessoas de certa idade e não conseguiram a realização do estudo na idade certa. Constata-se que existe a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto e, principalmente, que os profissionais professores, entendam que o processo de alfabetização é constante, se dá de forma contínua.

Para que os adultos não desistam desse processo é inevitável apoio tanto familiar quanto profissional, pois todos que ali estão querem conseguir ler e escrever, ter posse da leitura e da escrita, lembrando-se sempre que o adulto já sabe o que quer. É papel do professor observar, orientar, ajudar e motivar o desenvolvimento desses adultos, desenvolver um trabalho de acordo com cada caso.

Está claro que a avaliação deve complementar o processo de investigação das dificuldades de leitura, tendo em mente que deve ser sempre planejamento da instrução e o desenvolvimento de estratégias de intervenção. Contudo, embora, nesse trabalho, o interesse tenha recaído sobre os aspectos cognitivos relacionados às dificuldades de leitura e conseqüentemente da escrita, estão concomitantes a influência de variáveis psicossociais e do ambiente.

É preciso, que o professor reconheça a necessidade de renovações no processo de ensino que possa trazer novas formas de aprendizagem, desenvolvendo ações pedagógicas que levem os alunos a desenvolver suas potencialidades individuais. O objetivo a ser atingido será sempre o desenvolvimento da capacidade comunicativa do aluno, além de adequar suas limitações à realidade educacional.

O papel do professor é dirigir um olhar flexível para cada aluno com suas dificuldades, é compreender a natureza dessas dificuldades, buscar um método para esses adultos iniciarem o processo de alfabetização, sabendo que nós professores precisamos ser capacitados para trabalhar com esses adultos, já que requerem muita calma e paciência, pois eles serão mais lentos que os demais no desenvolvimento das atividades, necessitando de mais tempo para ele resolver as atividades solicitadas pelo professor. Além disso, é necessário usar de diferentes estratégias com estes alunos, para que eles consigam compreender o conteúdo: o uso de materiais estimulantes e interessantes, os quais ele possa ver, sentir, ouvir, manusear, etc.: jogos, cartazes, livros de leitura, levando em consideração o gosto desses estudantes etc., buscando ensiná-lo da maneira como ele entender melhor o conteúdo proposto, mesmo que seja por meio de uma brincadeira.

Não há uma receita, um método, uma cartilha ou manual, para trabalhar com alunos da Adultos (EJA). Assim sendo, é preciso mais tempo e mais ocasiões para a troca de informações sobre os alunos, planejamento de atividades e elaboração de instrumentais de avaliação específicos. Atualmente, depois desses anos de prática, temos professores que já criaram uma metodologia própria para lidar com a EJA. Os que vão trabalhando com eles nas séries seguintes já os conhecem das anteriores possuem afinidades e sabem como agir com eles; isso parece facilitar, e muito, o trabalho.

REFERÊNCIAS

Educação para Jovens e Adultos: ensino fundamental, proposta curricular-1º segmento- Vera Maria Masagão Ribeiro;- São Paulo: Ação educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p.

FERREIRO, Emilia, Los Adultos no alfabetizados y sus conceptualizaciones del sistema de escritura. México, Instituto Pedagógico Nacional, 1983.

_____. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1987.

FRAGO, Antônio Viñao.; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, P. A. Importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, ed. 49, 2008.

SOARES, M. G. R. *As múltiplas facetas da alfabetização*. In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003.

_____. *Alfabetização e letramento*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TFOUNI, L. V. Letramento e Alfabetização/Leda Verdiani. 7.ed.-São Paulo, Cortez, 2005.- (Coleção Questões da nossa época; v.47)

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Apud Vanilda Pereira Paiva, Educação Popular e educação de adultos, 2ª ed. Rio de Janeiro, Loyola, 1983.